A Ásia Central sob o Regime Colonial Russo e o Início da Administração Soviética: Uma Perspectiva Comparada

Guilherme Geremias da Conceição[1]

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a história da Ásia Central, buscando, no âmbito dos objetivos específicos, compreender quais foram as políticas implementadas pelo Império Russo e pelo posterior Estado Soviético em relação à região centro-asiática através da perspectiva comparada. Nesse sentido, a pesquisa possui como base a tese de que o início da administração soviética sobre a Ásia Central representou uma ruptura à ordem política e ao *status quo* social vigente. No desenvolvimento do artigo, primeiramente, serão abordados breves antecedentes históricos desta vasta região, ainda pouco conhecida pelo público brasileiro, e na sequência, as características das políticas adotadas pelo regime czarista e pela administração soviética em relação à população local.

Palavras-chave: História Mundial. Ásia Central. Colonialismo. Império Russo. URSS.

1 Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: guilherme.geremias@ufrgs.br.

1 Introdução: Definição do Objeto de Análise e Problema de Pesquisa

Situada entre os territórios orientais do Mar Cáspio e as montanhas de Altai, e podendo ser estudada como o percurso que liga o interior do continente asiático às fronteiras ocidentais chinesas, de oeste à leste, e o território atual da Rússia ao Afeganistão, de norte à sul respectivamente, a Ásia Central compreende as ex-repúblicas soviéticas do Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão (WOLLMANN, 2017). Essa região, de acordo com o historiador Svat Soucek (2000), em termos geográficos, é caracterizada por três grandes particularidades.

A primeira característica é um cinturão de estepes[2] e zonas áridas que se estabelece latitudinalmente, de leste a oeste, do final da zona de bosques na Manchúria aos campos da Ucrânia, Romênia e Hungria, continuações geográficas e históricas das estepes centro-asiáticas. A segunda característica são as limitações setentrionais, a zona de florestas da taiga siberiana, e meridionais, uma linha de cadeias montanhosas que ligam o Mar Negro à China de oeste a leste, se reunindo na região da cordilheira do Pamir e dificultando, dessa maneira, o acesso e a migração dos povos do interior da Ásia ao sudeste asiático, ao subcontinente indiano e ao Oriente Médio (SOUCEK, 2000).

Ao sul do complexo montanhoso, marcado pelas nascentes dos rios Amu Darya e Syr Darya, se estendem cadeias montanhosas menores, as quais cercam vales fluviais e oásis habitáveis, como o fértil Vale de Farghana, o que caracteriza a terceira e última particularidade da região como sendo o lar de um conjunto de rios, que, na maior parte das vezes, fluem para o oceano ártico desembocando em lagos locais ou evaporando em áreas desérticas (SOUCEK, 2000). Dessa forma, enquanto, ao norte do rio Syr Darya, a configuração do território setentrional possibilita o crescimento de pastagens típicas das estepes, essenciais para a criação de grandes rebanhos, no sul, caracterizado pelos desertos Ust Urt, Kara Kum e Kyrzil Kum, as planícies são áridas e os solos férteis estão exclusivamente meandrados aos grandes rios da região (HILDINGER, 2001).

2 Formação vegetal de planície com poucas árvores (ESTEPE, 2020).

Figura 1: Mapa político e físico da Ásia Central[3]

Fonte: Adaptado pelo autor de Openstreetmap.org (2018).

Desde o início do século XX até o ano de 1991, a região centro-asiática esteve sob a égide do domínio soviético. Esse fato serviu para que, vez ou outra, surgissem estudos acadêmicos que especulassem sobre uma continuação do regime colonialista russo na região. O caso foi apresentado de forma mais eloquente por Douglas Northrop, que escreveu:

> como seu predecessor czarista, a URSS foi um império colonial [...] seu poder se expressava através de linhas de hierarquia e diferença que criavam, pelo menos teoricamente, centros distintos (metrópoles) e periferias (colônias), e embora possa não ter sido um clássico império ultramarino, a URSS teve uma estrutura política, econômica e militar algo comparável; uma agenda cultural paralela; e elites coloniais igualmente limítrofes (NORTHROP, 2004, p. 22, tradução nossa[4]).

3 Legenda: Taiga Siberiana (cinza-claro); Bosques Temperados (verde-escuro); Pastagens Temperadas ou Estepes (verde-claro); Desertos (amarelo); Cadeia Montanhosa (marrom); Sistema de Lagos (azul).

4 No original: The USSR, like its Tsarist predecessor, was a colonial empire [...] Power in the Soviet Union was expressed across lines of hierarchy and difference that created at least theoretically distinct centers (metropoles) and peripheries (colonies) [...] it may not have been a classic overseas empire, the USSR did have a somewhat comparable political, economic, and military structure; a parallel cultural agenda; and similarly liminal colonial elites.

No entanto, o presente trabalho possui como objetivos encontrar conclusões opostas. Pretende-se, por meio do uso categórico de "colonialismo", analisar o arquétipo imperial europeu (esses embasados na ideia de "Missão civilizadora" e nas claras distinções entre metrópole e colônia) para fundamentar o argumentar que, enquanto a Ásia Central czarista era de fato comparável a outras colônias dos modernos impérios europeus, o início da Ásia Central soviética não pode ser entendido como um caso colonial.

Visto que o estudo da história é acumulativo e esta região é tão pouco conhecida, a compreensão acerca dos processos políticos da Ásia Central, bem como o entendimento relativo às principais particularidades da colonização russa e do posterior domínio soviético, não podem ser satisfatórios se separados do entendimento sobre os fundamentos históricos de longa duração que originaram as relações internacionais na região. Tendo isso em mente, a primeira seção do trabalho se debruçará sobre a história geral da Ásia Central com o objetivo de fornecer os subsídios informativos necessários para a compreensão dos seguintes tópicos, onde serão exploradas as características da administração imperial russa e do Estado soviético para a região de maneira comparada.

2 A Ásia Central na História Mundial: Breves Considerações

Ao longo da história da humanidade, a Ásia Central foi conhecida por realizar distintas funções. Dentre as mais conhecidas, destaca-se a viabilização do comércio terrestre de longas distâncias, qual uniu por séculos o intercâmbio de mercadorias entre a China e a Europa com as caravanas da Rota da Seda. Enquanto, no quadro das funções mais importantes, evidencia-se a separação natural entre as civilizações estabelecidas em sua periferia, na antiguidade representadas pelas distintas tradições Ocidentais, greco-romanas, e Orientais, indochinesas (RODRIGUES, 1999). Entretanto, a Ásia Central está longe de ser considerada uma realidade unitária. Consequente de sua complexa situação geográfica e condições climáticas é possível inferir que o processo civilizacional e a origem da configuração política da região resultam da interação entre dois grandes grupos sociais: os nômades e os sedentários.

Nos ambientes severos do cinturão das estepes, se desenvolveram os povos indo-europeus, de origem iraniana, conhecidos por Citas. Durante muitos séculos, essas populações nômades dependeram de migrações esporádicas e do contato, por vezes pacífico, outrora violento, com tribos sedentarizadas para a garantia de sua sobrevivência[5]. Já no tocante à parcela meridional da Ásia Central, pano de fundo de grandes civilizações, destacam-se sub-regiões importantes para a historiografia do Antigo Sistema Mundial, como a Transoxânia (onde se situavam a Sogdiana, a Báctria e Ferghana), Khorazm, a província de Khurasan, entre outros. Esses territórios reunidos, posteriormente denominados de "Turquestão" pelos russos, abrangiam populações agrárias, em sua maioria de origem igualmente iraniana (sakas, sogdianos, bactrianos, corásmios) que se assentaram às margens dos oásis locais para o cultivo intensivo da terra (HAMBLY, 1985).

Segundo Rodrigues (1999), a constituição sociogeográfica da Ásia Central foi marcada por uma série de intensas fusões culturais e sociais, iniciadas ainda na antiguidade, entre as populações nômades e sedentárias locais e do entorno territorial centro-asiático. Como resultado de um dos principais choques nômade-sedentários, surgiu o Império Kuchano (105 a.C.-250), privilegiado pela posição geográfica e política de "Estado-Tampão" entre o Irã dos Partos, quase sempre em conflito, e a China dos Han, e responsável primordialmente pela mediação do comércio internacional entre o Ocidente e o Oriente do mundo antigo, através da Rota da Seda[6], que paralelamente era influenciada pela *Pax Romana* e pela prosperidade da dinastia chinesa (GOLDEN, 2011).

Com base no extenso histórico de invasões à região[7] é possível considerar que a conquista mongol foi a que maior impactou na vida social da Ásia Central (RODRIGUES, 1999). A passagem do feudalismo nômade na Mongólia à unificação dessas diversas tribos sob o governo de Temujin, ou Genghis Khan, forneceram as bases para a futura conquista da região centro-asiática, ocorrida entre 1219 e 1225

5 Movidos pelos mesmos recursos que outras tribos nômades, a exemplo dos turcos e mongóis (oriundas do Altai e Mongólia), se deslocaram para a região posteriormente (HAMBLY, 1985).
6 Quando havia paz, as caravanas de produtos chineses, indianos e sogdianos atravessavam o interior do território kuchano e parto, sendo entregues aos Romanos na fronteira do rio Eufrates, e vice-versa; já nos períodos de turbulência política, desencadeados por conflitos romano-partos (quais interrompiam os itinerários terrestres da Rota), os Kuchanos desviavam as caravanas pelo curso do Amu Darya até o Vale do Indu, onde as mercadorias eram embarcadas em navios no Oceano Índico e transportadas aos portos do Mar Vermelho (GOLDEN, 2011).
7 A exemplo das invasões Aquemênida-persa (550-330 a.C.), Macedônica (336-323 a.C.), Turca (século V e VI) e Árabe (século VI ao VIII).

(HAMBLY, 1985). Sua chegada à Transoxânia é considerada, do ponto de vista cultural e político, um momento de virada na história da região já que, além de interromper temporariamente o processo civilizacional, destruiu o Canato[8] turco islamizado Kara-Khitai e, na sequência, o principal Estado mulçumano do século XIII, Khorazm (LUBIN, 1995).

A "*Pax Mongólic*a" possibilitou a continuidade do livre intercâmbio de mercadorias de um extremo do mundo ao outro, com a instrumentalização da Rota da Seda, enquanto a sucessão no poder entre as famílias viabilizou a prosperidade e a paz interna nas terras dos Estados mongóis que sucederam o grande império de Temujin[9] (HAMBLY, 1985). No entanto, não tardou para que, da fragmentação política, após a morte do líder mongol, imergisse na década de 1370, em Samarkand, Amir Timur, como uma força dominante na Transoxânia; o líder turco, conhecido também por Tamerlão, conquistou o território de toda a Ásia Central ocidental, Irã, Cáucaso, e a região das estepes ao sul e ao norte do Mar de Aral no século XV e foi o responsável pelo último florescimento intelectual da Ásia Central por meio do Renascimento Timúrida da cultura e da arte perso-islâmica (LUBIN, 1995).

As lembranças da prosperidade econômica da "era de ouro" timúrida, sob o governo de Tamerlão (1380-1405), ecoariam pelos próximos séculos. Após sua morte, tribos turco-mongóis islamizadas, como a dos shaybanidas, conseguiriam garantir uma hegemonia transitória em alguns dos territórios do antigo Império. Ali fundaram, no século XVI, o Canato Uzbeque (centrado nas cidades de Bukhara e Khiva) após uma cisão interna que originou a matriz étnica do atual Cazaquistão (PALAT; TABYSHALIEVA, 2005). Com a ascensão simultânea da dinastia Safávida no Irã (século XVI ao XVIII) e o baluarte defensivo que os descendentes timúridas, a exemplo do príncipe Babur, mantinham na região sul do Hindu Kush, foi estabelecido um equilíbrio de poder entre as três dinastias, onde a maior mobilidade

8 Ente político governado por um "khan", palavra que, em mongol e em turco, significa "líder tribal" (CANATO, 2020).

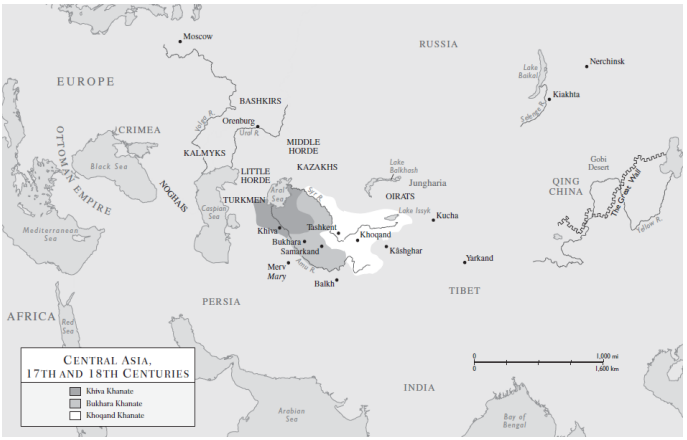
9 Com a morte de Genghis Khan, seu império foi dividido entre seus quatro filhos: Dietchi, o mais velho, recebeu as porções ao oeste do rio Irtysh, que originariam a Horda Dourada, ou Qipchaq, de seu filho Batu; o secundogênito, Chagatai, fora incumbido das regiões da Transoxânia; enquanto o terceiro filho, Ogodel, herdara a Mongólia e parte significativa das províncias chinesas conquistadas; e o quarto, Tului, os tesouros do pai e as terras de seus antepassados, conforme previa a tradição mongol. Posteriormente, o filho de Tului, Hulago, se tornaria o responsável pela administração do Ilcanato, centrado na Pérsia e em terras dos atuais: Iraque, Turquia, Azerbaijão, Afeganistão e oeste do Paquistão (GOLDEN, 2011).

dos uzbeques compensava a técnica de artilharia superior de seus rivais políticos (HAMBLY, 1985).

Além dos conflitos quase permanentes contra os Safávidas, uma vez que os Uzbeques se consideravam um Estado muçulmano na fronteira da civilização sedentária, rodeada de tribos nômades muitas vezes hostis, somam-se ainda as lutas contra os nômades da estepe cazaque ao norte, que uniriam o estancamento econômico e cultural aos fatores sinalados à desagregação política, acentuados durante os séculos XVII e XVIII (LUBIN, 1995). É importante lembrar que desde as descobertas das novas rotas comerciais marítimas, estas que passaram a deslocar todo o eixo econômico entre Ocidente e Oriente para os oceanos Atlântico e Índico, centros comerciais como Bukhara, Merv e Samarkand começaram a declinar constantemente (SOUCEK, 2000).

Já durante as primeiras décadas do século XVIII, a região setentrional da Ásia Central se encontrava fragmentada em hordas[10] tribais nômades, e a faixa meridional dividida politicamente entre os debilitados Canatos de Bukhara, Khiva e Khoqand (esse último centrado no Vale de Ferghana e emancipado do Canato de Bukhara em 1709). Todos fadados às invasões persas, como a chefiada por Nader Xá em 1740, e à tardia, porém problemática, modernidade, imposta pela chegada russa à região em meados do século XIX (GOLDEN, 2011).

Figura 2 - Mapa político da Ásia Central (séc. XVII e XVIII)



Fonte: Golden (2011, p.112-113).

10 Estrutura sociopolítica e militar histórica encontrada nas estepes da Eurásia (HORDAS, 2020).

3 A Ásia Central sob o Domínio Russo: Imperialismo à Czar?

Até o momento da expansão em direção à Ásia Central, a história da Rússia foi marcada por inúmeros períodos de turbulência política e invasões estrangeiras. Do domínio *viking* à formação do Rus de Kiev na Idade Média, e da posterior conquista mongol (1240) à ascensão de Ivan IV (1533-1548) ou Ivan, o Terrível, se passaram quase três séculos até que a expansão sobre os canatos tártaro-mongóis de Kazan, Astrakhan e Criméia, no Volga, e sobre os canatos siberianos, nos Urais, fosse começado (VISENTINI, 2017).

Esse processo de conquista inicial foi acompanhado de grandes massacres e da ocupação sistemática dos territórios anexados, o que acabou produzindo políticas de "destartarização" da população à conversão ao catolicismo ortodoxo, e resultou no expurgo das comunidades muçulmanas desses centros populacionais e na organização de resistências violentas e prolongadas (HAMBLY, 1985). Apesar de Pedro I (1694-1720), o Grande, ter estabelecido as primeiras colônias cossacas desde o mar Cáspio às montanhas de Altai, fortalecendo a estratégia de proteção dos limites territoriais russos contra incursões cazaques ao sul, foi apenas com a ascensão política de Catarina II (1762-1796), a Grande, que o aumento da pretensão russa de expandir seus territórios em todas as direções se tornou mais expressivo (VISENTINI, 2017).

Catarina instaurou uma mudança significativa na política em relação aos tártaros, como o abandono das práticas de conversão religiosa e a garantia dos mercados do Turquestão à sua crescente classe rural-burguesa (GOLDEN, 2011). Isso não apenas lhes conferiu o selo de "sócios imperiais", como também serviu de ponta de lança para a penetração do comércio nas estepes cazaques de modo a sedentarizar aqueles povos (SOUCEK, 2000). Desta forma, podemos considerar que a aquisição das imensas planícies cazaques às montanhas quirguizes não se deu via conquista militar como nas demais regiões muçulmanas da antiga Horda Dourada[11], pelo menos, em um primeiro momento.

É importante frisar ainda que antes mesmo do regime de protetorado ser instaurado, os russos já se encontravam na região por solicitação de alguns Khans

11 Região que sucedeu o Império Mongol nas região eurasiana (SOUCEK, 2000).

cazaques, que passaram a depender da ajuda militar vizinha contra as invasões dos Oitates, um povo mongol que nomadizava aos arredores do Tien Chan desde o início do século XVIII (RODRIGUES, 1999). Ainda assim, o assentamento russo nas terras do atual Cazaquistão e, portanto, a consolidação de sua administração sobre as estepes, ocorreu formalmente entre as décadas de 1820 e 1840 com a substituição das hordas locais por unidades políticas menores, conservando o poder, as leis e os costumes dos líderes tribais; além disso, foram construídas linhas fortificadas ao longo do Syr-Darya e enviadas missões expedicionárias à Khiva e à Bukhara (GOLDEN, 2011).

Estas bases deram suporte para a derradeira fase da conquista russa sobre o Turquestão com a tomada da Transoxânia e do restante da Ásia Central (os territórios dos atuais Uzbequistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Turcomenistão) a partir de 1850 (HAMBLY, 1985). O surgimento do poder russo na região meridional centro-asiática coincidiu com uma crescente fraqueza e desunião[12] dos Estados da Transoxânia: Khiva, Bukhara e Khoqand, que já se encontravam debilitados por suas fragilidades econômicas e sociais, sem a possibilidade de formação de uma resistência organizada contra o poderio russo, na ausência de tropas modernas e da capacidade organizativa das elites locais (GOLDEN, 2011).

Entre 1854-1856, após suprimida a revolta do Khan cazaque Kenesary, qual impedia o avanço do Czar às margens do Syr-Darya, e concluída a Guerra da Criméia, qual interrompeu os planos do governo russo de vincular as expansões de seus territórios ao sul, foram anexados definitivamente os territórios equivalentes ao atual Cazaquistão, construídos o forte de Rarim (na fronteira de Khiva) e a cidade de Vernyl ou Alma-Alta, e conquistadas a fortaleza Aq Mechet e porções territoriais de Khoqand e Bishkek (hoje capital do Quirguistão e então um posto fronteiriço de Khoqand) (SOUCEK, 2000). Os territórios recém-ocupados foram organizados no início de 1865 no Oblast[13] do Turquestão, sob o comando de um governador general encarregado de assuntos civis e militares (HOPKIRK, 1990).

O Emirado de Bukhara fora invadido na sequência e, apesar da resistência inicial, que desviou a rota das tropas russas do seu destino, Samarkand, não

12 Um exemplo pode ser traduzido entre as guerras por territórios e influência política entre o Canato de Khoqand e o então Emirado Bukhara (desde a invasão de Nader Xá, governado por Emires e não mais por Khans) (GOLDEN, 2011).

13 Subdivisão administrativa e territorial em alguns países eslavos (OBLAST, 2020).

demorou para que a vitória sobre o exército de quase 40.000 cazaques e uzbeques do Emirado fosse definitiva. Simultaneamente os russos invadiram o Estado de Khoqand, esse também submetido, inicialmente, às condições de vassalagem do Czar. Quanto à Khiva, o governo czarista planejou um ataque simultâneo de vários pontos do seu território para que o sucesso da conquista fosse garantido, já que a localização geográfica do Canato (cercado por desertos) era sua maior vantagem militar sobre os russos. Ainda assim, as tropas que chegaram ao território de Khiva logo tomaram o Canato em 1873 (HAMBLY, 1985).

Até o ano de 1881, foram subjugados à relação protetoral russa toda a extensão do Canato de Khoqand (1865), posteriormente incorporado ao Império Czarista sob o nome de Oblast de Ferghana (após levantes populares contra o Khan local e os colonos russos), o Emirado de Bukhara (1865-1866), Khiva (1873) e a região transcaspiana equivalente ao atual Turcomenistão, que em 1881 foi declarada um Oblast subordinado ao vice-reinado do Cáucaso (HAMBLY, 1985). A Coroa russa chegaria a ocupar ainda as cidades de Marv, Herat e Kushka (as duas últimas afegãs), uma região que, do ponto de vista geoestratégico, era de extrema importância uma vez que fortes costeiros poderiam ser estabelecidos em prol da comunicação com o Irã e a Grã-Bretanha – na forma do Raj Britânico (regiões hoje correspondentes à Índia, Paquistão, Bangladesh e Mianmar) (HOPKISK, 1990). A seguir, a composição dos territórios do Turquestão russo.

Figura 3: Mapa político da Ásia Central sob o Império Russo

Fonte: Golden (2011, p. 127).

Como visto anteriormente, a região da Ásia Central já se mostrava um expoente geopolítico de grande peso para a política mundial, principalmente com o advento da Rota da Seda e da importante conexão terrestre cultural, social e econômica entre o continente asiático e europeu. No século XX, no entanto, o geoestrategista britânico Halford Mackinder, ao teorizar sobre a "área pivô" e, posteriormente, sobre a "*Heartland*", iria formalizar a importância estratégica da região na obra "*Democratic Ideals and Reality: A Study in the Politics of Reconstruction*" (MELLO, 1999). Mackinder acreditava que o Estado que dominasse esta região

possuiria uma grande facilidade de se expandir em diversas direções, tornando-se um Estado terrestre e marítimo: "Quem domina a Europa Oriental controla o *Heartland*; quem domina o *Heartland* controla a *World Island*; quem domina a *World Island* controla o mundo" (MACKINDER, 1919 *apud* MELLO, 1999, p.56). Logo, considerando que os líderes da Rússia estavam cientes da importância estratégica e militar da Ásia Central, além de seus abundantes recursos, estes não tardariam a estabelecer um domínio colonial firme sobre a região.

No plano internacional, o avanço da Coroa sob o chamado Turquestão, apesar de legitimado pela Rússia como uma forma de "Missão civilizadora" e de garantir linhas fronteiriças eficazes, resultou em uma indigência política no continente europeu, principalmente na corte britânica, que temia a perda da sua colônia indiana (SOUCEK, 2000). Essa disputa por territórios e influência política na Ásia Central entre russos e britânicos foi denominada de "Grande Jogo"[14] (1830-1907), e, buscando a diminuição da tensão entre os dois impérios, que chegou ao ápice com a aproximação russa da fronteira da Caxemira, diplomatas de ambos os lados conseguiram formar uma comissão conjunta para resolver o problema fronteiriço russo-afegão em 1887, confirmando as conquistas do Czar até então, e posteriormente, em 1891, no âmbito da Comissão Lindeira do Pamir (*Pamir Boundary Commission*), estabelecendo o Estado-tampão afegão (que estaria livre da influência de qualquer um dos Impérios)[15] (HAMBLY, 1985).

Já no plano interno, de maneira similar, Bukhara e Khiva continuaram sendo administradas pelos Emires e Khans que já se encontravam no poder à época da conquista russa. Esses foram convencidos a governar a região sob a influência do Czar, renunciando ao direito de manter relações diplomáticas independentes com potências estrangeiras (Grã-Bretanha), abolindo a escravidão, garantindo aos colonos o direito de residência, bem como o livre comércio de produtos russos em seus domínios (a exemplo do tabaco e da vodca), e compensando financeiramente o Império czarista pelos custos em vidas e em capital empreendidos na sua expansão (ROY, 2001).

14 Este estado de "tensão" entre os dois impérios perdurou até a criação da Entente Anglo-Russa, um tratado assinado em 1907 (HAMBLY, 1985).

15 Na tentativa de dissolver a influência russa sobre a região os britânicos travaram duas conflagrações contra o Afeganistão, conhecidas como a Primeira Guerra Anglo-Afegã (1839-1842) e a Segunda Guerra Anglo-Afegã (1878-1880) (ABASHIN et al, 2011; ABDULLAEV; KOICHIEV, 2011).

Os novos súditos foram denominados *inorodtsy* (ou "estrangeiros" em russo) e, portanto, não possuíam os mesmos direitos civis ou então a possibilidade de alistamento no serviço militar russo; ao mesmo tempo e paradoxalmente, esta classificação conservava o poder regional político e judicial nas mãos dos nobres e religiosos locais, enquanto que o poder econômico nas mãos dos mulás e mercadores tártaros. Dessa forma, com o objetivo de tornar a administração mais forte, além da presença do exército, a Coroa, por meio do Governo-Geral do Turquestão, recrutou imigrantes para ajudar a criar um programa de exploração colonial em larga escala na região (ROY, 2001).

Nos Oblasts, houve um esforço em padronizar o sistema de leis, construir estradas e prédios públicos, enfraquecer as aristocracias assentadas e nômades, desapropriar terras da população nativa, explorar a agricultura na máxima extensão possível e promover a colonização (ABDULLAEV; KHOTAMOV; KENENSARIEV, 2011). Konstantin Petrovich Von Kaufman, o Governador Geral do Turquestão, propôs nacionalizar todas as fazendas familiares, deixando seus antigos proprietários com direitos limitados ao uso permanente da terra (HAMBLY, 1985).

Além disso, todas as outras formas de posse da terra poderiam ser encerradas se a propriedade tivesse que ser utilizada para a construção de vias de comunicações terrestres, edifícios públicos, canais de irrigação ou significativamente, para a colonização russa (vide a construção de vilarejos coloniais), acentuada nos anos de 1871 e 1873[16] (ABDULLAEV; KHOTAMOV; KENENSARIEV, 2011). Foi comum, conforme salienta Abdullaev, Khotamov e Kenensariev (2011), que o colonos confiscassem arbitrariamente terras nativas, especialmente aquelas utilizadas por nômades e semi-nômades para o cultivo intensivo do algodão, transformando toda a região do Vale de Ferghana em um imenso celeiro da monocultura[17].

A Coroa, além de introduzir, decorrente das imensas plantações, a indústria têxtil na região, também explorou de outros recursos, tais como o petróleo e o carvão. Ainda no Vale, até 1914, havia cerca de vinte e oito minas e seis campos de petróleo em operação. Uma rede de ferrovias também entrou no bojo das

16 O declínio do acesso à terra e a ascensão da agricultura comercial na Rússia estavam levando muitos camponeses russos à pobreza e ao desespero. As autoridades czaristas esperavam resolver esse grave problema econômico e social, reinstalando camponeses inquietos na Ásia Central (ABDULLAEV; KHOTAMOV; KENENSARIEV, 2011).
17 Para suprir substancialmente a necessidade da crescente indústria têxtil russa, esta que possuía como principal provedor do insumo os Estados Unidos e que, com a eclosão da Guerra Civil Americana (1861-1865), passou a depender de outros meios de fornecimento (MORRISON, 2012).

transformações modernizadoras necessárias para a implementação da colonização russa. Essa rede facilitou o transporte regular de matérias-primas e mercadorias em zonas estratégicas entre a colônia e a metrópole de norte a sul; e, em menos de cinquenta anos, aproximadamente cinco mil quilômetros de estradas de ferro foram construídos no Turquestão para fomentar a industrialização no Centro por meio do escoamento de recursos (ABDULLAEV; KHOTAMOV; KENENSARIEV, 2011).

Estabelecendo um paralelo entre a Índia britânica e o Turquestão russo, Alexander Morrison (2012) apresenta que em ambos os casos, os militares desempenharam um papel proeminente na administração colonial, muitas vezes sem ter recebido qualquer educação ou treinamento apropriado. Ambos os russos no Turquestão e os britânicos na Índia tiveram dificuldade em obter dados precisos sobre os territórios recém-conquistados e dependiam fortemente de agentes locais e intermediários. A natureza desses agentes era diferente, no entanto, os efeitos práticos dessas alianças eram os mesmos.

De acordo com Morrison (2012), enquanto a Inglaterra geralmente procurava governar por meio de príncipes locais, líderes religiosos e elites latifundiárias, apropriando-se de sua legitimidade pré-existente e buscando comprar sua lealdade com concessões de terras e isenções fiscais, a Rússia Czarista, em meados do século XIX, já havia abandonado sua política imperial de assimilação das aristocracias regionais. Depois de anexados os novos Oblats, os russos expropriaram ou tentaram marginalizar as populações nativas, procurando substituí-las por uma Administração Local cujos membros teriam sua autoridade inteiramente dependente do poder colonial: uma elite religiosa e proprietária da terra da qual a Coroa suspeitava, mas que servia para a instrumentalização de sua colonização (MORRISON, 2012). Dessa forma, quando analisada a natureza "colonial" da administração, a violência e a distribuição desigual de direitos políticos, os casos britânico e russo estão mais próximos do que se pode imaginar.

A conquista da Ásia Central levou ainda a uma perda de independência e a mudanças fundamentais na vida social, política, econômica e cultural da região. Grande parte das inteligências nacionais perceberam as mudanças impostas pelo regime colonial como uma humilhação permanente aos sentimentos nacionais e religiosos de seu povo, formando, assim, resistências prolongadas contra a

colonização, estas facilmente dispersadas pela força militar do Turquestão, como na revolta em 1916 (ABDULLAEV; KHOTAMOV; KENENSARIEV, 2011). Outros, no entanto, ao invés do confronto com a força de armas escolheram fazer oposição ao Império através de reformas graduais da sociedade tradicional, a fim de adaptá-la à vida moderna como será visto a seguir.

Essa abordagem foi pauta do movimento dos Jadídeos, da palavra árabe para "novo". Os Jadídeos, que posteriormente ajudariam a influenciar a corrente de pensadores dos "Jovens de Khiva" e os "Jovens de Bukhara", perceberam agudamente que a principal razão da queda e da perda de soberania dos Estados centro-asiáticos estabelecidos pré-colonização se encontrava no atraso abrangente da sociedade da Ásia Central. Eles identificaram as fontes desse atraso como igualmente existentes nas esferas política, social, econômica e cultural de suas vidas e, com o tempo, mesmo com a perseguição, desenvolveram sua própria imprensa periódica e sua agenda passou a incluir uma gama ampla de questões sociais, econômicas, políticas, culturais e principalmente educacionais, através do que eles denominaram de "Novo Método" (KHALID, 2015).

A política russa na esfera da educação e da cultura deu prioridade esmagadora aos interesses da metrópole, isto é, a Rússia, em oposição ao direito natural dos muçulmanos a um tipo liberal de desenvolvimento cultural. Naturalmente, os administradores russos rejeitaram qualquer esforço que não estivesse claramente alinhado com os editais oficiais e se opuseram firmemente ao que consideravam os esforços dos Jadídeos para mudar o *status quo*, pelo menos até a Revolução de Fevereiro, qual produziu novas organizações políticas que passaram a defender as condições necessárias para o renascimento nacional, misturando harmoniosamente elementos europeus úteis na rica cultura espiritual da religião islâmica, proposta pelo movimento (ABDULLAEV; KHOTAMOV; KENENSARIEV, 2011).

4 A Ásia Central sob o Início da Administração Soviética: Rupturas ou Continuidades?

A derrota russa para o Japão em 1905, a escalada do descontentamento popular contra o regime czarista e a eclosão da Primeira Guerra Mundial provocaram na Ásia Central uma subsequente onda de movimentos de libertação nacional em

1916[18] (ABASHIN et al., 2011). Logo a falência da política doméstica do Império Russo tornou-se evidente e abriu caminho para o processo revolucionário socialista. O avanço do colapso político, econômico e social e a queda do czarismo com a Revolução de Kerensky, em fevereiro de 1917, resultaram em uma forte politização dos reformadores da Ásia Central, que encontraram no fim do despotismo colonial a possibilidade do florescimento nacional no Turquestão, através do estabelecimento de governos eficazes para a construção de uma civilização moderna e unitária (KHALID, 2015).

Enquanto o Estado Imperial russo, reconhecendo as diferenças entre colonos e nativos, as institucionalizou em práticas jurídicas, se preocupando apenas com a manutenção da lei e da ordem, essa diferença colonial foi destruída pela Revolução de Fevereiro. O Governo Provisório declarou que todos os súditos do império russo eram cidadãos livres e iguais, independentemente de sexo, religião ou etnia, e deu a todos eles o mesmo direito de voto (HAMBLY, 1985). No entanto, foram os bolcheviques, com seu projeto de revolução social, que se propuseram a reintegrar a Ásia Central ao Estado russo definitivamente, uma vez que a região era importante tanto economicamente quanto como porta de entrada para o "Leste", onde estava fadado a acender a revolução anti-colonial que iria minar o domínio da burguesia local (ABASHIN et al., 2011).

Lênin, pseudônimo de Vladímir Illítch Ulianov, preocupado com a repercussão da política revolucionária soviética, defendia que nada seria tão nocivo para o movimento da Internacional Comunista do que "adotarmos, mesmo em questões de detalhe, relações imperialistas com as nacionalidades oprimidas, despertando assim a suspeita sobre a sinceridade de nossos princípios, sobre nossa justificativa do princípio da luta contra o imperialismo" (LÊNIN, 1968, p. 244-245). Seu posicionamento em relação à questão das nacionalidades "não russas" pode ser explicado por meio do direito autônomo das nações à separação política e à constituição de um Estado nacional independente, logo "o direito das nações à autodeterminação significa exclusivamente seu direito à independência política, à separação política livre da nação que as oprime" (LÊNIN, 1968, p. 158).

18 Quando isso aconteceu, numerosos povos oprimidos dentro das fronteiras imperiais da Rússia apelaram aos líderes europeus e americanos para apoiar sua independência desse império. Um desses apelos surgiu em maio de 1916 em nome da "Liga dos Não Russos na Rússia", endereçado ao presidente dos EUA, Woodrow Wilson, foi assinado por representantes de muçulmanos na Rússia.

Em outra ocasião, numa carta endereçada ao Conselho do Comissariado do Povo (órgão responsável por fortalecer a união dos povos do Turquestão com a Rússia Soviética), Lênin escreveu em 22 de novembro de 1919:

> Não é exagero dizer que o estabelecimento de relações adequadas com os povos do Turquestão tem agora uma importância imensa e marcante para a República Socialista Federativa Soviética da Rússia [...] A atitude da República dos Trabalhadores e Camponeses Soviéticos para com as nações fracas e até então oprimidas tem um significado muito prático para toda a Ásia, para todas as colônias do mundo e para milhares e milhões de pessoas (LÊNIN, 1965, tradução nossa[19]).

O agente dessa revolução seria o Estado-partido soviético, que assumiu a tarefa de levar a humanidade ao seu destino final, no entanto, com uma valiosa ajuda os: Jadídeos. E ainda que sua agenda de reformas tivesse sido elaborada no contexto do modernismo muçulmano e não estivesse relacionada diretamente com o Marxismo, o entusiasmo da revolução criou uma nova onda de atividade entre os Jadídeos, na qual eles estabeleceram novas escolas para a capacitação de intelectuais adeptos ao movimento, e para a criação de uma cultura nativa auto-conscientemente, moderna e "revolucionária". Essas instituições, em sua maioria, foram financiadas por soviets e permaneceram ativas durante a posterior Guerra Civil Russa até os anos 1920 (KHALID, 2015).

Neste contexto, uma gama de novas atividades marcaram o renascimento cultural na região, através do teatro, da poesia e do próprio jornalismo. Essas mudanças abririam caminho para a reforma da linguagem escrita, no sentido de aproximá-la do discurso cotidiano e da ortografia (ABASHIN et al., 2011). Ainda que a reforma linguística, fosse uma questão genérica e que, há muito tempo, já se encontrava na agenda dos Jadídeos da Ásia Central, foi nesse período em que ela emergiu com particular clareza. Em 1927, a latinização não se tratava mais de uma opinião, mas sim uma possibilidade iminente, e o impulso para a esta mudança em toda a União Soviética foi determinado com vistas a superar o atraso na questão ortográfica em 1928, quando todas as línguas da Ásia Central mudaram para o alfabeto latino.

19 No original: It is no exaggeration to say that the establishment of proper relations with the peoples of Turkestan is now of immense, epochal importance for the Russian Socialist Federative Soviet Republic […] The attitude of the Soviet Workers' and Peasants' Republic to the weak and hitherto oppressed nations is of very pradtical significance for the whole of Asia and for all the colonies of the world, for thousands and millions of people.

Outra grande mudança, também defendida pelos Jadídeos desde antes da Revolução, se concentrava no papel das mulheres na sociedade local (ABASHIN et al., 2011). Adeeb Khalid (2015) afirma que, usando argumentos da própria tradição islâmica, os Jadídeos haviam defendido que o progresso do Islã e da nação exigia que as mulheres fossem educadas e que elas tomassem parte ativa na vida pública. Após a revolução, os Jadídeos surgiram como grandes defensores da posição da mulher na sociedade muçulmana, possuindo como principais preocupações a educação e o casamento infantil. No início da década de 1920, mulheres nativas, antes parte de setores marginalizados da sociedade, abandonaram o véu e aderiram ao Partido, que havia estabelecido uma seção unicamente feminina e, em 1927, no episódio conhecido como *hujum*, milhares de mulheres jogaram fora seus véus e, em muitos casos, os queimaram (KHALID, 2015).

Apesar de, diante desta situação, alguns historiadores como Douglas Northrop e Adrienne Edgar apontarem traços de colonialismo, comuns em colônias britânicas ou francesas do mundo muçulmano com a condenação das normas de gênero como uma forma de legitimação da ordem imperial, os governantes coloniais mostraram pouco interesse na transformação em massa dessas normas ou da ordem social e legal em que elas existiam. O *hujum*, assim como a posterior campanha de coletivização, podem ser entendidos como o auge de um esforço de décadas para transformar a sociedade, do qual participaram tanto os soviéticos quanto os Jadídeos. Desta colaboração inquietante com o regime soviético se criaram estruturas, viabilizadas pelo novo regime político, tais como escolas financiadas pelo Estado, uma impressa imune às forças do mercado, novos órgãos de autoridade política, etc., que estabeleceram tanto os limites, quanto as possibilidades de atuação dos Jadídeos na sociedade da Ásia Central durante o início da década de 1920 (KHALID, 2006).

É importante esclarecer aqui que a dominação política europeia sobre o resto do mundo, processo decorrido entre os séculos XVI e XX conhecido por "colonialismo", definia uma distinção clara entre a metrópole e a colônia, visível na cultura, na língua e termos étnicos (consagrados legalmente por meio de um discurso salvacionista e de "Missão civilizadora"); estabelecia uma conquista de penetração comercial que era mantida pela força; detinham elementos hierárquicos variados de direitos políticos com base principalmente na raça (cuja nacionalidade

colonizadora era privilegiada); e segundo John Hobson (1902) e Lênin (1916), possuía uma relação particular com o imperialismo e o advento do capitalismo financeiro e industrial (MORRISON, 2012). Tudo isso contribui para uma barreira clara entre colonos e nativos e está evidente na experiência imperial russa na Ásia Central.

Em contrapartida, referente à questão do "colonialismo soviético", de acordo com Khalid (2006), enquanto os impérios coloniais: "[...] se baseavam na perpetuação da diferença entre os governantes e os governados, o que excluía a possibilidade da aquisição da civilização universal pelos nativos [...]" (KHALID, 2006, p. 233, tradução nossa[20]), os Estados Mobilizatórios Modernos, por outro lado: "[...] tenderam a homogeneizar as populações para atingir objetivos universais, através de transformações mais maciças do que tudo o que os impérios coloniais fizeram [...]" (KHALID, 2006, p.233, tradução nossa[21]). O autor também oferece o exemplo da Grã-Bretanha na Índia:

> O Raj britânico na Índia, por exemplo, mapeou a geografia do país e seus recursos naturais; e classificou, sem alteração, as castas e categorias comunitárias nativas; no entanto, não aspirava à microgestão da sociedade, como prometer ou impor a educação universal; preferia lidar com as 'raças marciais' ao recrutamento; deixava o poder agrário nas mãos de notáveis, em vez de embarcar em uma reforma agrária significante (KHALID, 2006, p. 234, tradução nossa[22]).

O Estado soviético, desta maneira, procurou transformar a cultura e reformular seus cidadãos à luz das ideias da história e da ligação cívica. Seu poder não se enquadrava em linhas étnicas e sua "missão civilizadora", por assim dizer, não foi sustentada pela superioridade racial ou étnica de nenhum grupo já que os próprios russos tiveram que ser transformados e modernizados. Além disso, o Estado interveio ativamente na sociedade e criou novos quadros que ajudaram a realizar as demandas de nativos. Assim, os prejudicados com tais reformas não foi "este" ou "aquele"

20 No original: these empires were based on the perpetuation of difference between rulers and the ruled, which foreclosed the possibility of the acquisition of universal civilization by the native.
21 No original: Modern mobilizational states have tended to homogenize populations in order to attain universal goals more massive than anything wrought by colonial empires.
22 No original: The British Raj in India, for instance, mapped out the country's geography and its natural resources; its classificatory apparatus reified caste and communal categories; nevertheless, it did not aspire to the micro-management of society, such as promising or enforcing universal education; it preferred dealing with 'martial races' to conscription; it left agrarian power in the hands of notables rather than embarking on significant land reform.

grupo étnico, mas sim as formas de vida tradicionais que tanto os Jadídeos quanto os bolcheviques estavam empenhados em destruir (KHALID, 2006).

5 Conclusão

Denominada de "*área pivot*" por Mackinder no século XX, a Ásia Central se configurou, ao longo dos anos, uma região de intensos recortes geográficos, cuja formação histórica-social híbrida agregara, em um vasto território, populações nômades e sedentárias esparsas e elementos culturais e civilizacionais diversos. Pode-se combinar a isso que o caráter isolacionista em relação às grandes transformações mundiais, geralmente atribuído à região, nem sempre predominou. Sendo a Ásia Central palco de grandes civilizações da antiguidade e um importante elo geoestratégico entre os circuitos econômicos internacionais (RODRIGUES, 1999).

Em meados do século XIX, a região passou a ser fonte das tensões entre britânicos e russos no conhecido "Grande Jogo" e, então, subjugada pela política colonial czarista, a Ásia Central permaneceu sob a esfera de influência do Império Russo até o seu fim, em 1917. No entanto, mesmo no período posterior, de ruptura soviética, a região centro-asiática permaneceu equivocadamente dentro da "categoria colonial" de análise no debate acadêmico (vide, por exemplo, NORTHROP, 2004 e EDGAR, 2004).

Apesar de alguns aspectos modernizadores positivos conhecidos das políticas russas, a abordagem do Império Russo em relação à colonização e à questão do uso da terra deixou uma marca profundamente negativa nas condições sociais e econômicas dos povos nativos. Isso levou a um aumento acentuado no número de proprietários e nativos sem terra e ao empobrecimento da maior parte da população nômade, cujos membros foram forçados a deixar seus pastos e acampamentos em busca de subsistência nas cidades, o que exacerbou ainda mais as tensões sociais e inter-étnicas na região (ABASHIN et al., 2011).

É possível, inclusive, tecer comparações com os métodos coloniais e imperialistas desferidos pelas metrópoles europeias ocidentais, tanto em relação a suas fases iniciais (dos séculos XVI ao XVIII, pelas potências ultramarinas ibéricas no continente americano), como em seus momentos posteriores (nos séculos XIX e XX, pelas potências ocidentais na África e na Ásia). A Rússia pode não ter tido

uma clara distinção entre metrópole e colônia, e seu controle pode ter sido menos aristocrático como o do Império Britânico, mas havia uma ideia nítida do que constituía o centro de poder de seu domínio, e isso se refletiu administrativamente na diferenciação entre as áreas sob o regime civil e militar, aquelas em que as reformas liberais e o código civil da década de 1860 foram aplicadas (Oblasts), e aquelas onde foram retidas (Khiva e Bukhara); logo não havia um conceito único de "Cidadania" imperial e os súditos da Ásia Central eram considerados estrangeiros (MORRISON, 2012).

Nesse sentido, subdividem-se duas classificações de domínio colonial que, também podem ser atribuídas à experiência russa na Ásia Central: o colonialismo de povoamento ou a tentativa de destruição e substituição de instituições e estruturas políticas nativas, e o colonialismo de extração, com o enfoque na exploração do território e dos seus habitantes quando existem recursos naturais específicos ou então na ampliação de seus mercados para o consumo. Segundo Menezes (2018), esses dois momentos conjugados estão na origem do ato de apropriação dos territórios autóctones sob a prorrogativa da construção de uma nova sociedade pela população colona.

Antes de 1917, os Jadídeos haviam defendido sua causa exortando seus compatriotas à ação, a Revolução de Fevereiro, no entanto, abriu novas e vastas possibilidades para os Jadídeos e, na política bolchevique mobilizadora de 1917, eles converteram seu entusiasmo pela mudança em política na Ásia Central (KHALID, 2015). É possível concluir que, enquanto a Rússia Imperial, ao chegar no Turquestão, transformou a região em um apêndice agrário, produtor de matérias-primas para metrópole, e manteve a população nativa fora do sistema social do Império, o mesmo não ocorreu durante os primeiros anos da administração soviética. Grosseiramente falando, a conquista colonial transformou as sociedades colonizadas, mas o Império colonial russo, assim como os demais impérios europeus, não utilizou o poder do Estado para transformar sociedades, culturas ou indivíduos da forma tentada pelo Estado soviético, este que implantou ousadas reformas para refazer a sociedade através dos próprios nativos.

Negar o caráter desta contribuição e a simbiose que se originou no seio da relação entre os diligentes do Partido Comunista Russo e os atores locais, como

os Jadídeos, é negar a história. O caso soviético, neste sentido, serve de exemplo do papel central que os Estados desempenharam na formação e remodelação da vida e da cultura no século XX, além de servir também para colocarmos opiniões baseadas em ideologias em seu devido lugar.

Central Asia under the Russian Colonial Regime and the Beginning of the Soviet Administration: A Perspective

Abstract: The present work has as general objective to analyze the history of Central Asia, seeking, within the scope of the specific objectives, to understand which were the policies implemented by the Russian Empire and the later Soviet State in relation to the Central Asian region through the comparative perspective. In this sense, the research was based on the thesis that the beginning of the Soviet administration on Central Asia represented a rupture to the current political order and social *status quo*. In the development of the article, first, the historical background of this vast region, still little known by the Brazilian public, will be discussed, and then, the characteristics of the policies adopted by the tsarist regime and the Soviet administration in relation to the local population.

Keywords: World History. Central Asia. Colonialism. Russian Empire. USSR.

Referências

ABDULLAEV, Ravshan; KHOTAMOV, Namoz; KENENSARIEV, Tashmanbet. Colonial Rule and Indigenous Responses, 1860–1917. *In:* STARR, S. Frederick (Org). **Ferghana Valley**: The Heart of Central Asia. Londres: Routledge, 2011. p. 69-93.

ABASHIN, Sergey et al. Soviet Rule and the Delineation of Borders in the Ferghana Valley, 1917–1930. *In*:. STARR, S. Frederick (Org). **Ferghana Valley**: The Heart of Central Asia. Londres: Routledge, 2011. p. 94-118.

CANATO. *In:* **Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível em: https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/canato. Acesso em: 27 ago. 2020.

EDGAR, Adrienne. **Tribal Nation**: The Making of Soviet Turkmenistan. Princeton: Princeton University Press, 2004.

ESTEPE. *In:* **Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível em: https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/estepe. Acesso em: 27 ago. 2020.

GOLDEN, Peter B. **Central Asia in World History**. England: Oxford Universite Press, 2011.

HAMBLY, Gavin. **Asia Central**. México: Siglo XXI Editores, 1985.

HILDINGER, Erik. **Warriors of the Steppe**: Military History of Central Asia, 500 B.c. to 1700 A.d.. Cambridge: Da Capo Press, 2001.

HOPKIRK, Peter. **The Great Game On Secret Service in High Asia**. Londres: John Murray (Publishers), 1990.

HORDA. **Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível em: https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/horda. Acesso em: 27 ago 2020.

KHALID, Adeeb. Backwardness and the Quest for Civilization: Early Soviet Central Asia in Comparative Perspective. **Slavic Review**, Cambridge, v. 65, n. 2, p. 231-251, verão, 2006. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/4148591?seq=1. Acesso em: 31 ago. 2020.

KHALID, Adeeb. **Making Uzbekistan**: Nation, Empire, and Revolution in the Early USSR. 1. ed. Ithaca, New York: Cornell University Press, 2015.

LÊNIN. Vladímir. La révolution socialiste et les droits des nations à disposer d'elles-mêmes – thèses, 1916. *In:* LÊNIN, Vladímir. **Questions de la politique nationale et de l'internationalisme prolétarien**. Ed. du Progrès: Moscou, 1968. Disponível em: https://www.marxists.org/francais/lenin/works/1916/01/19160100. Acesso em: 13 dez. 2020.

LÊNIN, Vladímir. To the Communists of Turkestan. *In.* LÊNIN, Vladímir. **Lenin's Collected Works**. 4. ed., Progress Publishers: Moscou, 1965. s.p. Disponível em:

https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1919/nov/10.htm. Acesso em: 13 dez. 2020.

LUBIN, Nancy. Uzbekistan. *In:* PRYDE, Philip. **Environmental Resources and Constraints in the Former Soviet Republics**. New York: Westview Press, 1995.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **Quem tem medo da geopolítica?**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1999.

MENESES, Maria Paula. Colonialismo como violência: a "missão civilizadora" de Portugal em Moçambique. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Online, Número Especial, p. 115-140, 2018. Disponível em: http://journals.openedition.org/rccs/7741. Acesso em: 19 dez. 2020.

MORRISON, Alexander. How 'Modern' Was Russian Imperialism?. **Comparative Studies on Regional Powers: Empire and After**: Essays in Comparative Imperial and Decolonization Studies, Saporo, v. 9, n. 3, p. 1-17, 2012. Disponível em: http://src-h.slav.hokudai.ac.jp/rp/publications/no09/09_01_Morrison.pdf. Acesso em: 31 dez. 2020.

NORTHROP, Douglas. **Veiled Empire**: Gender and Power in Stalinist Central Asia. Ithaca, New York: Cornell University Press, 2004.

PALAT, Madhavan K; TABYSHALIEVA, Anara. **History of Civilization in Central Asia**: Volume VI: Towards the Contemporary Period: From The Mid-Nineteenth Century To The End Of The Twentieth Century. Paris: UNESCO Publishing, 2005.

OBLAST. *In:* **Collins English Dictionary/Webster's New World College Dictionary**, 2020. Disponível em: https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/oblast. Acesso em: 27 ago. 2020.

OPENSTREETMAP.ORG. [Sem título]. 2018. Disponível em: https://www.openstreetmap.org/#map=4/35.25/68.47. Acesso em: 18 dez. 2020.

RODRIGUES, Miguel Urbano. **Nómadas e Sedentários na Ásia Central**. Porto: Lápis de Memórias, 1999.

ROY, Olivier. **The New Central Asia**: The Creation of Nations. New York. New York University Press, 2000.

SOUCEK, Svat. **A History of Inner Asia**. England: Cambridge University Press, 2000.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **Os Paradoxos da Revolução Russa**: Ascensão e queda do socialismo soviético (1917-1991). Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

WOLLMANN, Fabiano Joel. Vinte e Cinco Anos de Relações Bilaterais entre o Brasil e os Países da Ásia Central. *In:* BARBOSA, Pedro Henrique Batista (Org). **Os desafios e oportunidades na Relação Brasil-Ásia na perspectiva de jovens diplomatas**. Brasília: FUNAG, 2017. p 301-339.